

## **DO BULLYING À PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS, SOCIAIS E LABORAIS PARA A COMUNIDADE LGBT+.**

Maria Isabel SILVA<sup>1</sup>

Kyllian César PIRES<sup>2</sup>

Paula Magna Rezende PEREIRA<sup>3</sup>

**RESUMO** – O bullying, a evasão escolar são frutos do ciclo inicial da precarização do trabalho na comunidade LGBT+. Para que se forme e reforme a sociedade, as minorias precisam de alteridade, estima e perspectivas reais. Este artigo pretende apresentar, num primeiro momento, uma discussão da relação entre a baixa escolaridade, o preconceito, discriminação e a precarização do trabalho para as pessoas da diversidade, além de relatar as vivências do programa “Viva Mais” em seu eixo focalizado “Viva Mais Diversidade” do complexo dos bairros da zona Oeste do município de Uberlândia, Minas Gerais. Em instituição local, uma equipe interdisciplinar triava e cadastrava os moradores desse perfil, sendo convidados a participar, quinzenalmente, de sessões de filmes, palestras e encaminhamento para o mercado de trabalho. Nos resultados, tanto por parte dos profissionais quanto os próprios participantes, as vivências superaram

---

<sup>1</sup>Assistente Social, Fisioterapeuta. Mestre em Fisiologia e Biofísica, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, [fisiomis@yahoo.com.br](mailto:fisiomis@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Graduando em Gestão de Saúde Ambiental, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, [kyllianpires@gmail.com](mailto:kyllianpires@gmail.com)

<sup>3</sup>Graduanda em Artes Visuais, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, [paulamagna1@hotmail.com](mailto:paulamagna1@hotmail.com)

as expectativas propostas. Nesse sentido, nota-se a relevância de mais estudos e planos de ação e intervenção a fim de se estabelecer estratégias para educação e empregabilidade das comunidades LGBT+, tendo como base a justiça e promoção social.

**Palavras-chave:** Educação; Bullying; Trabalho; Vulnerabilidade; Comunidade LGBT+

**ABSTRACT** -The bullying, truancy are fruits of the initial cycle of precarious work in the LGBT community +. In order to form and reform society, minorities need otherness, esteem and real prospects. This article intends to present, at first, a discussion of the relationship between low schooling, prejudice, discrimination and the precarious work for people of diversity, in addition to reporting the experiences of the program "Live" in your shaft focused "Live Diversity" of the complex of the neighborhoods in the municipality of Uberlândia, Minas Gerais. In local institution, an interdisciplinary team and had recorded triava residents of this profile, being invited to participate, fortnightly, movie sessions, lectures and forwarding to the labour market. The results, both on the part of the professionals as the participants, the experiences have exceeded expectations. In this sense, the importance of further studies and plans of action and intervention in order to establish strategies for education and employability of the LGBT+ communities, based on justice and social promotion.

**Keywords:** Education; Bullying; Work; Vulnerability; LGBT+ Community

## 1. Introdução

A pesquisa deve ser como um espelho do social, ou seja, refletindo as questões sociais e suas transformações. Segundo Franco (2016), baseada na consciência crítica, um dos compromissos da pesquisa é entender a realidade para mudá-la.

Da interlocução entre a prática comunitária e a academia é possível conhecer determinados fenômenos de forma não apenas a levantar fatores como orientar estratégias e planos de ação, permitindo ampliar a óptica e promover mudanças sociais. Nessa perspectiva, estudos com conjunto de variáveis, como perfis socioeconômicos, por exemplo, são imprescindíveis para elaboração e execução de políticas sociais, sejam universalistas ou focalizadas (FRANCO, 2016; PEREIRA & STEIN, 2010).

À guisa do desejo de entendimento dessas questões sociais, a justificativa e as bases teóricas desse artigo traçam uma linha mestra pelos dados e argumentos os quais demonstram, de forma breve, as dificuldades e desafios enfrentados pela comunidade LGBT+, no que tange à educação e ao trabalho.

Para tanto, há que se desenvolver o olhar e a humanidade para o sensível entendimento dos muitos fatores que compõem essa engrenagem.

Entendendo que a formação escolar e profissional desse público é comprometido pelo preconceito e discriminação que levam a precarização da formação escolar e a empregabilidade da comunidade LGBT+ do município de Uberlândia/MG.

## **2. Fundamentos teórico metodológicos**

Assim sendo, inicia-se tal proposta chamando atenção para um dado alarmante: Desde 2011, o Brasil alcança mais um recorde: o de campeão mundial de crimes contra pessoas LGBT+, termo acrônimo para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e intersexuais (ISNA, 2015).

Os números mais atuais revelam que em 2017, o saldo foi três vezes maior do que o registrado há 10 anos: 445 lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais foram mortos em crimes motivados por homofobia (rejeição ou aversão ao homossexual e à homossexualidade), representando uma vítima a cada 19 horas. (VALENTE, 2018).

Embora os dados sejam altos (sugiro: os números sejam altos ou os dados sejam alarmantes), acredita-se em subnotificação tendo em vista a dificuldade de reconhecimento dos crimes violentos praticados contra homossexuais, transgêneros e intersexos. Além do alto índice, o que assunta é a violência conferida nas mortes, caracterizadas por ataques em vias públicas ou no ambiente domiciliar e com requintes de crueldade.

Esse cenário preocupante destaca dentre muitos fatores, a exposição social constante na rotina da comunidade LGBTQ+ a qual se dá pelo lado direito do preconceito: a precarização social, com reflexos mais visíveis na vida escolar e profissional (MARINHO, 2016; SANTOS NETO, 2015).

Segundo o Grupo Gay da Bahia, uma das mais antigas entidades militantes brasileiras, a estatística estadual confere ao Nordeste o título de região mais homofóbica, na qual o risco de morte para o homossexual seja próximo de 80% maior do que no Sudeste.

Contudo, ainda que na região Sudeste os crimes sejam em menor número, o que chama atenção é que estados como São Paulo e Rio de Janeiro ocupam o terceiro lugar no *ranking* dos crimes motivados pela homofobia. Isso quer dizer que a região mais populosa do país carece de estudos que visem educar, prevenir e alertar que,

para além das fronteiras geográficas e/ou quantitativas, o preconceito tem atingido seus alvos e a estatística continua crescendo.

Além dos números preocupantes, a morte ou violência por motivação homofóbica é a coroação de um processo cruel que se inicia nos bancos escolares e segue até a vida profissional, fechando o ciclo da discriminação e da segregação.

No início do novelo pode-se dizer que a escola ainda é um ambiente hostil para muitos alunos LGBT+. Deles, 68% dos jovens entre 13 e 21 anos declaram já ter sido vítimas de agressões físicas ou verbais, no ambiente escolar, por causa de sua orientação sexual. (BERNARDO, 2016; BRASIL, 2011).

Isso mostra que os processos escolares e educacionais ficam comprometidos por conta do bullying e, em menor escala, pela falta de preparo profissional e humano dos profissionais da área (sugiro: profissionais da Educação, ou que trabalham nas escolas). Em decorrência disso, os altos índices de evasão escolar acarretam baixa escolaridade e a precarização da formação profissional, levando à ocupação de subempregos, trabalhos informais e outros (incluindo a profissão do sexo), reforçando ainda mais, a discriminação e a marginalização (BERNARDO, 2016; MARINHO, 2016; JUNQUEIRA, 2012).

Para além das fronteiras da escola, a discriminação considerando a orientação de gênero e sexual estende suas teias até o trabalho., Ainda que 75% das empresas possuam políticas anti-discriminação(sugiro: contrárias à discriminação) por identidade de gênero e orientação sexual, 61% dos funcionários LGBTQ+ no Brasil preferem esconder sua sexualidade para colegas e gestores (BELLONI,2016)alegando perda de vagas, inviabilização de processos seletivos para carreiras e até prejuízos em (sugiro: fechamento de parcerias) e oportunidades de negócios (BELLONI, 2016; PASSATORE, 2016).

O mundo do trabalho, fundamentado no social e no capital controla e fomenta as relações de trabalho baseada nas diferenças. Segundo Antunes (2018) e Harvey (2011), a força de trabalho potencial tem gênero, raça e etnia, se dividindo por meio da língua, política, orientação sexual e crença religiosa.

Não há nesse contexto, direcionamento à vitimização. Ao contrário, se por um lado grande parte da comunidade LGBTQ+ enfrenta problemas na base escolar e profissional, as gerações anteriores que omitiram sua orientação e identidade de gênero foram capazes de lograr êxito, alçando postos de trabalho e posições sociais de destaque capazes de torná-los bons consumidores e um ótimo nicho de mercado (OLIVEIRA JUNIOR, 2014).

Nessa dualidade, a comunidade LGBTQ+ se mostra fragilizada socialmente, situação que ainda mais se agrava se citados os comprometimentos nas relações familiares e de saúde mental, o que leva aos altos índices de suicídio.

Os argumentos supracitados demonstram a importância de se discutir questões que entrelaçam escola, trabalho e homofobia para que os sujeitos se empoderem de forma não apenas a resistir e sim, como maneira de dar respostas sociais, econômicas e políticas (ANTUNES, 2018; SAVIANI, 2011).

### **3.Procedimentos Metodológicos**

O artigo aqui apresentado tem como base epistemológica o materialismo histórico dialético e entendendo que as questões sociais estão arraigadas no objeto, a pesquisa deve, além de problematizar a realidade, fazer proposições para intervenções.

Segundo Gil (2007), a metodologia é a espinha dorsal da pesquisa e sendo assim faz-se necessário detalhar os procedimentos metodológicos a serem utilizados bem como a coleta de dados e análise dos resultados. Para iniciar tal descrição classificamos a proposta apresentada como qualitativa, tendo como foco a pesquisa-ação que pode ser definida como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1998).

A proposta desse artigo se traduz em os relatos de vivências compõem uma pesquisa qualitativa, ou seja, um tipo de investigação que considera os aspectos qualitativos da questão da diversidade no contexto escolar e no mundo do trabalho, voltado para os princípios da pesquisa-ação emancipatória, considerando o contexto investigado em sua totalidade, e contexto social no qual estão inseridos (IBIAPINA, 2008).

Atendendo a demanda espontânea e dos encaminhamentos do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) do complexo dos bairros da zona Oeste do município de Uberlândia, Minas Gerais, os moradores foram acolhidos em uma Organização Não Governamental (ONG), sendo cadastrados e convidados a participar do programa “Viva Mais Diversidade”.

O programa Viva Mais foi idealizado para trabalhar temáticas sobre saúde, promoção da saúde, violência, educação, empregabilidade dentre outras questões trazidas pelos associados da instituição local. Com as ações voltadas à comunidade geral, dois eixos mereceram atenção específica: as mulheres e a comunidade LGBTI. Para esse último público foi criado o eixo “Viva Mais Diversidade” de forma a direcionar ações para lidar com os direitos sociais de educação, saúde e trabalho.

Idealizado e executado por uma equipe formada de assistente social, pedagogo, psicólogo, técnico de enfermagem, agente de saúde e dois estagiários (um do Serviço Social e outro da Psicologia), o projeto era composto de sessões de filmes, rodas de conversas, palestras, grupo de apoio (coach) e direcionamento para cursos e emprego.

Nos meses de novembro de 2016 e janeiro de 2017, o grupo se reuniu em dias e horários agendados para assistir aos filmes Milk, Transamérica, Somente Elas, Eu vos declaro marido e Lary, seguidos de roda de conversa sobre a temática do Bullying, ansiedade e depressão na comunidade, HIV/AIDS, ações de prevenção à homofobia.

Além desses encontros, completando as quinzenas e enfatizando o sentido preventcionista do Projeto, os facilitadores

(assistente social e pedagogo) se revezavam para realizar oficinas e palestras sobre organização de currículo, postura e etiqueta para entrevista, seleção e recrutamento de trabalho.

Como a ONG apresentava parceria com empresas e possuía programa mensal de captação de talentos, as pessoas que passavam pelo “Viva Mais Diversidade”, apresentando interesse eram encaminhadas para esses estabelecimentos, com política de diversidade estabelecida.

Respeitando e empoderando a diversidade, essas empresas ofereciam como ação afirmativa, a oportunidade de bolsas para estudantes a fim de que os mesmos continuassem sua qualificação e formação profissional.

Para os que demonstraram interesse em empreender, a equipe encaminhava para cursos de formação na área de beleza (cabelereiro, depilador, design de sobrancelhas) e tecnologia (manutenção de computadores e celulares).

#### **4. Considerações Finais**

Aqui trouxemos alguns resultados de vivências para além das reuniões profissionais, o artigo destaca a importância de grupos para construção de identidade e autoestima.

Nos dois meses de projeto “Viva Mais Diversidade”, a equipe acolheu e orientou trinta e cinco pessoas, na faixa etária de 18 a 42 anos.

O público trazia em seu discurso relatos diversos de bullying, homofobia e transfobia, os resultados demonstraram interesse em palestras e orientações quanto as temáticas de retorno à vida escolar, planos para formação técnica e trabalho.

Como relato de vivências, nós ressaltaremos algumas falas iniciais trazidas pelos profissionais, sem identificação do mesmo ou participantes, guardando o anonimato.

“A gente não tem espaço para debater sobre nossa vida e dificuldade na escola e de trabalho.” Relatou um dos participantes.

Contudo, a mudança maior se mostrou na oralidade dos participantes, destacando duas falas:

“Olhar para mim, como profissional, mudou meu olhar como ser humano...me fez voltar a acreditar que sou capaz de ser produtivo”, homem, de 30 anos.

“Mudar de vida...é mudar tudo, a forma de valorizar o trabalho de cada dia”, mulher trans, 35 anos, que voltou ao mercado de trabalho após 10 meses desempregada.

Como resultados dessa vivência observou-se os participantes tinham dificuldade de debate sobre os temas, sob a justificativa de já

terem sido vítimas ou terem presenciado situações de bullying, assédio moral no trabalho, assédio sexual e homofobia.

Notou-se nas falas necessidade de programas específicos para saúde da mulher lésbica e mulher trans, grupo prejudicado pela invisibilidade social, bem como reforço nas ações preventivas sobre doenças sexualmente transmissíveis.

O projeto “Viva Mais Diversidade” precisa ganhar mais força. Não apenas nos campos do município de Uberlândia, mas também em cidades em que a homofobia faz vítimas, para além das fatais, da precariedade de formação educacional e de trabalho.

As equipes de profissionais dos campos de saber da saúde, ciências sociais aplicadas e educação precisam de reflexões e formação contínua para o trabalho multiprofissional e interdisciplinar.

Sem julgamentos, as populações advindas da minoria, como se classificam socialmente, a comunidade LGBTI precisam de políticas públicas e ações afirmativas focalizadas.

Num tempo em que o fascismo e moralismo tende a imperar no cenário socioeconômico e político, a educação, a saúde e o respeito às diferenças são ainda mais importantes.

É uma construção diária de justiça e igualdade social, que se inicia nos bancos escolares, na formação de bons professores até a vida corporativa e o mundo do trabalho, para todos, sem distinção,

sabedores dos direitos e deveres que todo cidadão exerce cotidianamente.

Dessa forma, as vivências desse projeto demonstram que ação efetiva da equipe interdisciplinar e a necessidade de trabalhar essas questões dentro dos muros das universidades, formando pessoas preparadas para enfrentar, formar e empreender, sem precariedade, discriminação ou preconceito de qualquer ordem.

## 5. Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital**. Boitempo editorial, 2018.

BERNARDO, N. Agressões já atingiram 68% dos jovens LGBT em escolas. **Revista Gestão Escolar**, 2016. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1670/agressoes-ja-atingiram-68-dos-jovens-lgbt-em-escolas>>. Acesso em: 02. julho. 2019.

BELLONI, Luiza. 61% dos profissionais LGBT brasileiros escondem sua orientação no trabalho, 2016 - Disponível em: <<https://www.huffpostbrasil.com/2016/02/04/61-dos-profissionais->

[lgbt-brasileiros-escondem-sua-orientacao-n\\_a\\_21695997/](#)>. Acesso em: 02. julho. 2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa-Ação Pedagógica: práticas de empoderamento e de participação. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 511-530, jul. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8637507/13331>>. Acesso em: 06 jul. 2019. doi:<https://doi.org/10.20396/etd.v18i2.8637507>.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HARVEY, David. **O Enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

IBIAPINA, I. M. L. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora. 2008. v. 1.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Brasília, 2017. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>>. Acesso em 09/07/19.

ISNA - IntersexSocietyof North America. **LGBT+: O que é intersexo?** - tradução de Sandra Cunha, 2015. Disponível em: <<https://www.esquerda.net/artigo/LGBT+-o-que-e-intersexo/37566>>. Acesso em 09/07/19.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Educação On-Line**, (PUCRJ), v. 10, p. 64-83, 2012.

MARINHO, S. **Precarização social da população LGBT**: um debate sobre trabalho, relações sociais no capitalismo e tendências contemporâneas do modo de produção capitalista. IV Seminário Internacional de Educação e Sexualidade; II Encontro Internacional de Estudos de Gênero, Vitória/Espírito Santo, 2016.

PASSATORE, Gabriela **Uma análise da falta de inclusão da população LGBT no mercado de trabalho atual**, 2016. - Disponível em: <<https://gabrielapassatore.jusbrasil.com.br/noticias/338644133/a->

discriminacao-da-populacao-lgbt-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 02. julho. 2019.

PEREIRA, POTYARA AMAZONEIDA P.; STEIN, ROSA HELENA. **Política social**: universalidade versus focalização. Um olhar sobre a América Latina. In: BOSCHETTI, Ivanete et al. (Orgs). Capitalismo em crise, política social e direitos. São Paulo: Cortez, 2010. p. 106-130.

SANTOS NETO, Francisco. A reprodução heterossexista na sociedade brasileira: A construção da vulnerabilidade das identidades LGBTS. In: **Inventudes**: Diálogos Sobre Infâncias e Juventudes na Amazônia, 2015.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. **Coleção educação contemporânea**, 2003.

VALE, João Henrique do; Silva, Cristiane. Homem confessa assassinato de dois homossexuais em Uberlândia. 2016. Disponível: <  
**[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/11/18/interna\\_gerais](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/11/18/interna_gerais)**

,824958/homem-confessa-assassinato-de-dois-homossexuais-em-uberlandia.shtml>. Acesso em: 02. julho. 2019.

VALENTE, J. Agência Brasil - Direitos Humanos. Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017, 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em>>. Acesso em: 02. julho. 2019.

OLIVEIRA JUNIOR, Tomaz Edson Ribeiro de. **A importância da comunidade LGBT como segmento de interesse da hotelaria nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo no século XXI**. 2014. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Tecnólogo em Hotelaria do Curso de Tecnologia em Hotelaria da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

THIOLLENT, M. & SOARES, V. M. S. The subject of interdisciplinarity in the Production Engineering. **International Conference on Education Engineering**. Rio de Janeiro, CD-ROM, agosto 1998.